

Nicola Cinquetti

# DE BICICLETA NA GUERRA

Tradução  
Marcos Bagno

  
editora ática

Título original: *Il giro del '44*  
© 2019 Giunti Editore S.p.A. / Bompiani, Firenze-Milano  
www.giunti.it  
www.bompiani.it

**PRESIDÊNCIA** Mario Ghio Júnior

**VICE-PRESIDÊNCIA DE EDUCAÇÃO DIGITAL** Camila Montero Vaz Cardoso

**DIREÇÃO EDITORIAL** Lidiane Vivaldini Olo

**GERÊNCIA EDITORIAL** Julio Cesar Augustus de Paula Santos

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Laura Vecchioli do Prado

**APRENDIZAGEM DIGITAL** Renata Galdino (ger.), Beatriz de Almeida Pinto Rodrigues da Costa (coord. Experiência de Aprendizagem), Carla Isabel Ferreira Reis (coord. Produção Multimídia), Daniella dos Santos Di Nubila (coord. Produção Digital), Rogerio Fabio Alves (coord. Publicação), Vanessa Tavares Menezes de Souza (coord. Design Digital)

**PLANEJAMENTO, CONTROLE DE PRODUÇÃO E INDICADORES**  
Flávio Matuguma (ger.), Juliana Batista (coord.) e Jayne Ruas (analista)

**PREPARAÇÃO DE TEXTO** Malu Poleti

**REVISÃO** Marília Bellio e Hires Heglan (capa e miolo) e Tayra Alfonso (mapa)

**CARTOGRAFIA** Eric Fuzii

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA** Estúdio Insólito

**CAPA** Vitor Rocha

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Cinquetti, Nicola  
De bicicleta na guerra / Nicola Cinquetti ; tradução de Marcos Bagno.  
- 1. ed. - São Paulo : Ática, 2022.

ISBN 978-85-0819-957-0

1. Ficção italiana I. Título II. Bagno, Marcos

22-4964

CDD: 853



Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL: 750806  
CAE: 794638

2022  
1ª edição  
1ª tiragem  
Impressão e acabamento: xxxxxx

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.  
Av. Paulista, 901, Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01310-200  
Tel.: (0xx11) 4003-3061  
Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor: [www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



“Precisamos, então, de uma coisa  
extravagante e absurda como a Volta da  
Itália em bicicleta? Claro que precisamos:  
é um dos últimos redutos da fantasia.”

DINO BUZZATI, *Cronache terrestri*

A história contada por Martino passa por diversos lugares na Itália e, em sua corrida imaginária, o menino vai elencando cidades e regiões do país. Que tal acompanhá-lo no mapa abaixo?



# SUMÁRIO

1940	9
1944	19
I	20
2	28
3	35
4	42
5	49
6	56
7	63
8	70
9	76
10	83
II	90
12	97
13	105
14	115
15	122
16	130
17	138
1945	147
NOTA DO AUTOR	151



-----  
1940  
-----

A Balilla<sup>1</sup> avança devagar, mas salta e derrapa debaixo de pancadas de água cinzenta, e já não se vê a estrada. Meu avô ri, a chuva lhe dá alegria. Ri e conta dos bons tempos passados, quando era ele, jovem corredor, que pedalava sob o dilúvio com a roupa de baixo encharcada e os cabelos pretos de terra. Seu Romolo faz sim com a cabeça, mas sequer escuta, ocupado como está em manter o rumo, com as mãos apertadas ao volante.

Atrás estou eu. Tenho oito anos e saboreio minha primeira viagem de automóvel. Olho para o mundo além da janela e vejo as árvores que se sacodem, chicoteadas pela chuva, os postes de luz, as fileiras de casas, as freiras de hábitos negros e encurvadas, com as mãos na cabeça segurando as túnicas antes que o diabo os carregue.

— Hoje é dia de vestir cor-de-rosa! — grita meu avô, esfregando as mãos. — Hoje o Gino joga todos na lama!

Seu Romolo dá um soco no volante e diz que a camiseta rosa<sup>2</sup> talvez não, o Gino não pode conquistá-la, porque a desvantagem na classificação é grande demais, mas a vitória da etapa é segura. Os dois torcem por Bartali<sup>3</sup> e, quando dizem o nome dele, ficam iluminados como os santos das pinturas. Seu Romolo, que tem uma loja de bicicletas na cidade, jura que conhece bem o Gino, são amigos, *amicísimos*, como Garibaldi e Nino Bixio<sup>4</sup>.

— Pode ter apertado a mão dele uma vez — me diz meu avô, piscando um olho. — Amigos assim, espalhados pela Itália, Bartali deve ter dez milhões...

.....

1 Balilla 508 foi um modelo de automóvel produzido pela Fiat entre 1932 e 1939. Esse modelo marca o início da motorização em massa na Itália e nas Forças Armadas, uma vez que na versão sedan passou a integrar o corpo de carros do Exército Real, tornando-se o veículo oficial dos *carabinieri reali*, o que se pode entender como a guarda oficial de Mussolini. (N.T.)

2 O vencedor da Volta da Itália tem direito a vestir uma camiseta cor-de-rosa, símbolo da vitória nessa corrida de bicicletas. (N.T.)

3 Gino Bartali (1914-2000) foi um dos mais célebres ciclistas italianos. (N.T.)

4 Giuseppe Garibaldi (1807-1882) foi um importante vulto da história italiana que lutou pela unificação do país, que até então era dividido em diversas entidades políticas independentes. Seu amigo Nino Bixio (1821-1873) foi companheiro nas lutas que travaram. (N.T.)

O automóvel começa a subir pelas curvas do Abetone<sup>5</sup> e logo vem o granizo, uma descarga inesperada, como de metralhadora. Me inclino e cubro a cabeça com as mãos, aterrorizado e feliz. Os adultos ficam sérios. Nós nos abrigamos embaixo de uma árvore, sob uma saraivada de disparos, mas meu avô não quer ficar ali por causa dos relâmpagos, e Seu Romolo grita que dali não se move, porque não tem nenhuma intenção de deixar que a tempestade despedace seu carro.

Por sorte, o ataque termina logo, sem relâmpagos, e a chuva se torna menos raivosa. Seu Romolo desce para examinar a carroceria, que está ilesa e toda reluzente. Podemos partir. Mais para o alto despontam os primeiros torcedores, com guarda-chuvas, jaquetas impermeáveis e cartazes com letras escorrendo tinta. Leio e me entusiasmo: “Viva Gino!”, “Força, Gino!”, “Vamos, Gino!”. São todos para Bartali e tem um que diz: “Voa, Tetráz<sup>6</sup>!”, e me parece o mais bonito.

Paramos poucos quilômetros antes do desfiladeiro, junto a um trecho de subida muito íngreme. Continua a chover e faz frio, apesar de estarmos no final de maio. Sobre a estrada salpicada de poças, o vento investe contra as agulhas dos pinheiros, que rodopiam como insetos enlouquecidos. Me abrigo embaixo do guarda-chuva do meu avô e começo a fitar com impaciência a curva que se acha abaixo de nós. Sei que Bartali veste uma camisa verde-oliva, a esplêndida camisa da Legnano<sup>7</sup>, e já imagino vê-lo despontar, grande e majestoso, como na foto que Seu Romolo tem pendurada na loja, com o autógrafo inclinado.

.....

5 O Abetone é uma montanha da região da Toscana, além uma estação de esqui famosa na Itália. (N.T.)

6 O tetráz é uma ave da família do faisão, antigamente muito comum, mas hoje em perigo de extinção. (N.T.)

7 A Legnano era uma equipe de ciclistas. (N.T.)

Desfilam os primeiros carros, o do diretor da competição e os dos outros técnicos, esguichando lama com as rodas. Meu avô dá pulinhos feito um menino.

— Vamos para o outro lado — ele me propõe. — De lá se vê melhor —. Mas uma vez atravessada a estrada, diz que não está satisfeito e quer voltar atrás.

Finalmente aparece o primeiro ciclista, acolhido pelos gritos dos torcedores. Veste uma camiseta cinza.

— É Cecchi! — anuncia Seu Romolo, que é amicíssimo de Bartali, mas se gaba de conhecer todos os corredores do grupo. O velho Cecchi, que todos chamam de *Esfregão*<sup>8</sup>, vem subindo cansado, esgotado sob a chuva, o olhar fixo na estrada.

— Esse não vai muito longe — diz meu avô. Quando ele passa na minha frente, grito umas palavras de estímulo e disparo atrás daquele dorso encurvado e todo sujo, sem me importar com a chuva e as poças d'água que encharcam meus sapatos. Volto para debaixo do guarda-chuva com a respiração ainda ofegante e vejo despontar na curva uma camiseta verde-oliva.

— Gino! Gino! — grita meu avô, e volta a saltitar, mas o grito se apaga na garganta, porque não é Bartali o corredor que sobe rápido feito um galgo: é jovem, muito jovem, tem o olhar impiedoso de quem fareja a vitória.

— Esse aí vai sem parar até Modena — diz Seu Romolo.

— Vai sem parar até Milão — diz meu avô.

— Mas quem é? — pergunto eu.

Seu Romolo, que leu o número nas costas do ciclista, tira do bolso uma página da *Gazeta* e lê o nome:

— Fausto Coppi, de Castellania.

+ + +

.....

8 Ezio Cecchi (1913-1984) recebeu esse apelido por causa de seu trabalho, como produtor de vassouras, antes de virar ciclista profissional. (N.E.)

Bartali demora a chegar. Passará diante de nós com uma diferença de quatro minutos por causa de um defeito na bicicleta. Uma Volta da Itália realmente agourenta para o *Tetraz*, que já na segunda etapa caiu por culpa de um cachorro vadio que tinha cruzado a pista na sua frente.

+ + +

Na volta, paramos numa cantina para ouvir no rádio a notícia da chegada. A lareira está acesa e sente-se um cheiro de estábulo. Quando me vê, ensopado e tremendo de frio, a mulher do dono da cantina se põe a gritar e diz que não se pode deixar uma criança nas mãos de dois homens, porque eles não entendem nada de crianças, e olha só o que fizeram com esse infeliz, que se não pegar uma pneumonia é por milagre de Santo Antônio de Pádua.

Ela me leva para perto da lareira e me envolve com um cobertor de lã áspera que cheira a cinzas. Meu avô e Seu Romolo não se incomodam. Pedem uma garrafa de vinho tinto, um refrigerante para mim, pão e salame para os três. Meu copo se esvazia num minuto, e então meu avô o enche de vinho e me manda beber, porque os homens se aquecem assim, mas a mulher me arranca o copo da mão, furiosa, um pouco de vinho acaba no chão e o resto é ela quem bebe, à saúde dos homens que são todos uns delinquentes. Depois, ligam o rádio, se aproximam do aparelho e se calam. Não se ouve bem a voz, que de vez em quando some, mas a notícia chega mesmo assim: na linha de chegada de Modena, Fausto Coppi é o primeiro, com mais de três minutos de vantagem sobre Olimpio Bizzi. Bartali, em terceiro. Coppi é o novo camisa-rosa.

+ + +

Eu não tenho bicicleta, mas posso pegar a da minha prima Assunta e sair correndo pelas ruas do bairro. E então imagino que sou Coppi, o jovem Coppi pelas pistas da Volta da Itália, que sempre precisa tentar alcançar o grupo por causa de algum incidente desastroso. A corrida é áspera, dura, difícil, mas Coppi não desiste, ultrapassa um a um os adversários e no final conquista a vitória, sempre. A faixa da linha de chegada está pendurada diante da minha casa, por onde passo gritando *Venceu Coppi, grande vitória de Coppi, arrasadora vitória de Coppi...* Em sinal de triunfo, solto uma das mãos do guidom e levanto bem alto, uma só, porque não sou capaz de soltar a outra. Uma pena, porque seria realmente uma glória retesar a coluna, levantar os braços para o céu e sorrir, exultante.

Fausto Coppi, enquanto isso, defende com coragem sua camisa rosa. Todo fim de tarde, quando volta para casa, meu avô me traz as notícias sobre a etapa do dia e a classificação geral, e são sempre ótimas notícias. Meu avô ainda torce por Bartali, mas este não é um bom ano para o *Tetraz*, cada vez mais azarado, cada vez mais atrás na classificação, e então ele também espera que a Volta seja vencida pelo jovem Coppi, que de todo modo também é da Legnano, um companheiro de time do campeão.

Para a última etapa, a Verona-Milão, vamos escutar o noticiário do rádio na loja de Seu Romolo, que está fechada porque é domingo. Uma loja muito limpa, com as bicicletas reluzentes e cheirando a nafta, penduradas nas paredes com ganchos, como as peças de carne no açougue. A foto de Bartali entre as montanhas, acima do balcão, parece o retrato do santo padroeiro sobre o altar.

— Uma das lojas de bicicleta mais bonitas da cidade — diz meu avô, e diz isso de propósito para espicaçar seu velho amigo, que tem a convicção de que sua loja não é apenas *uma das mais bonitas*, mas de longe *a mais bonita* de toda a cidade.

Coppi alcança a linha de chegada de Milão com meio minuto de atraso, por causa da corrente que se soltou e o deixou em apuros antes da chegada, mas é só um breve sobressalto que torna a vitória ainda mais bonita: a Volta da Itália é dele — é nossa — e em todo o império italiano ninguém está mais feliz do que eu.

+ + +

No caminho de volta encontramos um caminhãozinho que buzina ensandecido, carregado de pessoas que sacodem bandeiras italianas e gritam *Viva Coppi* e em seguida *Viva a Itália*, *Viva o Rei* e naturalmente *Viva o Duce*<sup>9</sup>, mas tanta algazarra me aborrece, porque me parece que essa gente não tem o direito de festejar o *meu* campeão. Eu me tornei torcedor de Coppi aquele dia, no Abetone, debaixo do temporal, quando ninguém sabia quem ele era. Agora que venceu a Volta da Itália, vejo surgirem mil, dez mil, dez milhões de torcedores. Mas eu fui o primeiro.

+ + +

Segunda-feira de manhã, me levanto cedo e corro a pedir trinta centavos ao meu avô. Depois, antes mesmo de tomar café, saio para comprar *A Gazeta do Esporte*.

O jornal é quase todo dedicado à vitória de Coppi e apresenta classificações, notícias e comentários que leio e releio até amassar as páginas cor-de-rosa<sup>10</sup>. “Nunca se tinha visto, nem na Itália nem no exterior, o sucesso de um recruta de vinte anos, sem profissão e sem pretensões

.....  
9 *Duce* (“condutor”) era o título que se deu a Benito Mussolini (1883-1945), primeiro-ministro italiano, que implantou o fascismo na Itália e se alinhou a Adolf Hitler (1889-1945), formulador do nazismo, na Segunda Guerra Mundial. O termo *Duce* corresponde ao alemão *Führer* (“condutor”), usado por Hitler. (N.T.)

10 *La Gazzetta dello Sport*, principal jornal esportivo italiano, é impresso em papel cor-de-rosa. (N.T.)

iniciais, numa grande corrida em etapas...” Até mesmo a publicidade celebra a vitória: tem uma fotografia que mostra Coppi e Bartali sentados a uma mesinha diante de uma garrafa de licor Coca Buton. Ao lado se lê uma frase do vencedor: “Nos momentos mais árduos dessa Volta, a Coca Buton sempre me restaurou a energia e o vigor!”.

— Qual é o gosto da Coca Buton, vovô?

— Ah! Uma coisa doce feito o vinho dos padres.

— É mentira! Coppi e Bartali bebem!

— Coppi, que ainda é um pivete, pode ser. Mas o Gino... duvido muito!

+ + +

À tarde minha mãe perde a paciência, “porque não é possível que alguém fique o tempo todo trancado no quarto lendo esse jornal de gente vagabunda”, e me expulsa de casa. Saio a caminhar pelo bairro com a mente repleta de imagens, de sonhos e de bicicletas e vagueio por muito tempo sem rumo. Por fim, acabo dando na praça, onde uns garotos estão brincando com bolinhas de gude, e me detenho para jogar com eles.

No fim da tarde vemos chegar uma camionete cheia de homens de camisas pretas<sup>11</sup>. Estão eufóricos. Gritam, cantam e volta e meia disparam alguns tiros de fuzil para o alto, espantando os pombos. Penso que ainda comemoram a vitória de Coppi, mas logo me dou conta de que ninguém mais pronuncia o nome de Coppi: os gritos e as canções são todas para o Rei e naturalmente para o *Duce*.

Vão-se embora depois de uma última saraivada de balas, a mais demorada de todas, e nós voltamos a brincar com as bolinhas de gude, cantando em altos brados as canções deles:

.....

11 A camisa preta era a vestimenta que simbolizava o fascismo. (N.T.)

... e por Benito  
e Mussolini  
Eia! Eia! Alalá!

Então o general Pinotti aparece na varanda e grita para nós que não é assim que se canta, com esse segundo *e*, como se Benito e Mussolini fossem duas pessoas diferentes, mas a gente não dá a mínima, e como única resposta voltamos a cantar com voz ainda mais alta, enfatizando bem o segundo *e*, tanto que o general se enfurece e jura que cedo ou tarde vai acabar com a gente a tiros de canhão, *porque é assim que se trata essa gatinha*, porém, como de hábito, sai a mulher, a velha generala, que o toma pelo braço e o leva para dentro.

+ + +

Continuo a cantar mesmo quando entro de volta em casa, e *por Benito e Musso...* mas logo sou interrompido pela voz da minha mãe.

— Calado! — ela me grita com raiva e levanta a mão como se quisesse me dar um tapa.

Olho para ela estupefato. Não entendo o que fiz de errado. Voltei tarde demais? Ou ela também se irrita com aquele maldito *e*?

Mas tia Anita se aproxima e me acaricia os cabelos suados.

— Não é hora de cantar isso.

— Por quê?

— Não é hora.

+ + +

É o entardecer de 10 de junho de 1940. Mussolini acaba de anunciar no rádio que chegou *a hora assinalada pelo destino*. A Itália entra em guerra.